

COP26 de Glasgow. Poderá a ecologia radical e anticapitalista fazer-se ouvir?

Artigo de Gala Kabbaj*

A COP26, cimeira anual da ONU sobre alterações climáticas, está na mira dos grupos climáticos. A *Climate Action Network*, composta por mais de 1500 organizações não governamentais (ONG), apelou ao adiamento da Conferência. Razão: as restrições sanitárias britânicas, que excluem a participação dos países mais pobres, nomeadamente os do Sul Global. O evento arrisca, assim, uma apropriação das negociações pelos países mais ricos, em detrimento dos países mais expostos às alterações climáticas. É verdade que os objetivos são ambiciosos, mas as restrições à participação, a presidência da COP estar ocupada por um parlamentar conservador britânico e a crença na capacidade do mundo financeiro para travar a crise climática levam os ambientalistas a ter baixas expectativas em relação ao evento.

A esperança do movimento social reside fora da “Zona Azul” (reservada a funcionários da ONU, delegações governamentais, negociadores e muitos jornalistas) e do programa “oficial”: a Cimeira Social (CS), que reúne uma coligação internacional de ONG e organizações da sociedade civil de todo o mundo e oferece um espaço de discussão, exigência e expressão das lutas globais. Esta estrutura, construída em torno de uma cimeira e de uma contracimeira, é relativamente comum. Mas, no caso da COP26, testemunha a pluralidade de concepções ecológicas e as possibilidades entre diferentes formas de investimento político.

A COP oficial encarna o imaginário da democracia deliberativa, baseado numa

ideia de sociedade sem antagonismo constitutivo, em que o intercâmbio e a discussão racional conduzem a boas decisões políticas. Tal concepção naturaliza o quadro económico em que a deliberação ocorre, tornando difícil questionar a relevância e eficácia dos instrumentos do capitalismo na resposta à crise. E defende o financiamento de investimentos verdes e a utilização do dinheiro público para encorajar empresas e cidadãos a adotarem comportamentos “virtuosos”. Portanto, as negociações internacionais visam apenas transformar o paradigma da ação pública sem desafiar a estrutura capitalista.

A CS encarna uma ideia de democracia agonista, baseada no princípio de que a tomada de decisões políticas assenta em lutas e interesses antagónicos. Do ponto de vista substantivo, a CS assume uma visão da ecologia cujo poder e urgência forçam um repensar do sistema económico e democrático, e onde software ideológico e estratégico se confrontam. Tal como no movimento climático, atravessado por correntes ideológicas diversas, a CS pode ser ponto de encontro de diferentes tonalidades de radicalismo e cultura política.

No entanto, a COP não impulsiona uma oposição direta entre diplomatas e a sociedade civil, pois as ONG são parte interessada nas negociações oficiais. Assim, as vozes da CS podem ter porta-vozes e influenciar deliberações e discussões. Da mesma forma, ativistas desiludidos com os debates e as conclusões resultantes da COP encontrarão na CS um espaço de expressão para a sua contestação. O aumento do poder destes atores sociais e das mobilizações cidadãs nos últimos anos contribuiu para a abertura de um novo modo de perspetivar as negociações, pois estas já não podem ocorrer sem a intervenção contínua das vozes de protesto que encontrem formas de influenciar o processo de tomada de decisão.

Assim, a COP26 é um momento político de dois gumes. Se, por um lado, as COP são momentos indispensáveis de visibilidade da causa ambientalista, por outro lado, podem também contribuir para o esvaziamento do seu potencial radical e de protesto. Neste sentido, a CS desempenha um papel fundamental na articulação da ecologia com outras lutas sociais (feminismo, antirracismo, direitos das minorias, lutas sindicais, etc.). Ao reinscrever a ecologia num imaginário comum de lutas pela igualdade e emancipação, a CS abre duas perspetivas estratégicas:

agita o quadro de deliberação, impondo discursos que rompem com a ordem capitalista, e fortalece as lutas em curso, demonstrando a natureza desenraizada das negociações oficiais.

*Responsável de investigação da Fundação *Espaces Marx*; facilitadora da *transform! europe*.